DVD e Material Educativo para Professor Propositor

ILUSÕES FOTOGRÁFICAS DE **VIK MUNIZ**

arte na escola

DVDteca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

Ilusões fotográficas de Vik Muniz / Instituto Arte na Escola ; autoria de Tarcísio Tatit Sapienza ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.
(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 48)

Foco: SE-11/2006 Saberes Estéticos e Culturais
Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia
ISBN 85-98009-55-5

1. Artes - Estudo e ensino 2. Fotografia 3. Arte contemporânea 4. Muniz, Vik I. Sapienza, Tarcísio Tatit II. Martins, Mirian Celeste III. Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.7

Créditos

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

ILUSÕES FOTOGRÁFICAS DE VIK MUNIZ

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autor deste material: Tarcísio Tatit Sapienza

Revisão de textos: Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmilla Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares

DVD

ILUSÕES FOTOGRÁFICAS DE VIK MUNIZ

Ficha técnica

Gênero: Documentário.

Palavras-chave: Arte contemporânea; arte pública; códigos de representação; fotografia; educação do olhar; poética pessoal; procedimentos técnicos inventivos.

Foco: **Saberes Estéticos e Culturais.**

Tema: O trabalho de Vik Muniz.

Artistas abordados: Vik Muniz, Sérgio Camargo.

Indicação: 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Direção: Cacá Vilcalvi.

Realização/Produção: Rede SescSenac de Televisão, São Paulo.

Ano de produção: 2002.

Duração: 23'.

Coleção/Série: *O mundo da arte.*

Sinopse

O artista contemporâneo Vik Muniz, neste documentário, fala de sua carreira e de seu processo de trabalho. Brasileiro, nascido na cidade de São Paulo, no bairro de Pirituba, seu trabalho adquire visibilidade após passar a residir e expor nos Estados Unidos. Ele se utiliza de diferentes linguagens artísticas em seu trabalho. A fotografia tem um papel fundamental, pois por meio dela registra as imagens de aparência realista que cria desenhando/pintando com materiais inusitados como chocolate, açúcar, macarrão, fios de arame, pó, etc. Destacamos registros da produção do artista e as etapas da criação de um grande painel em mosaico para o Centro Empresarial Itaú/SP, a partir da fotografia de uma de suas obras.

Trama inventiva

Há saberes em arte que são como estrelas para aclarar o caminho de um território que se quer conhecer. Na cartografia, para pensar-sentir sobre uma obra ou artista, as ferramentas são como lentes: lente microscópica, para chegar pertinho da visualidade, dos signos e códigos da linguagem da arte, ou lente telescópica para o olhar ampliado sobre as práticas culturais, ou, ainda, lente com zoom que vai se abrindo na história da arte, passando pela estética e filosofia em associações com outros campos de saberes. Por assim dizer, neste documentário, tudo parece se deixar ver pela luz intermitente de um vaga-lume a brilhar no território dos **Saberes Estéticos e Culturais.**

O passeio da câmera

Um prato de macarrão. Uma figura nasce pelo gesto criador de Vik Muniz. Assim, vamos nos aproximando deste artista e de suas obras, tendo como cenário a Barra da Tijuca/RJ, em 2002.

O documentário é dividido em três partes, com a duração seqüencial aproximada de 7', 8' e 8'. Nele encontramos intercalados: depoimentos do próprio artista, imagens de suas obras como as nuvens que criou nos céus de Nova York, registros de Vik Muniz trabalhando, além dos depoimentos do arquiteto Javier Judas y Manubens, que encomendou ao artista um painel em mosaico e do arquiteto Rogério Cordeiro, que coordenou a transposição da imagem criada pelo artista para um mosaico em pastilhas. Os registros da montagem do painel na fábrica de vidrotil e as imagens das pessoas passando pelo painel após sua instalação permitem perceber os passos de produção dessa grande obra.

No primeiro bloco do documentário, o artista nos conta do início de sua carreira, de seu interesse pela percepção. Conhecemos suas nuvens e as obras que escavou na terra. No segundo, vemos rapidamente imagens de obras feitas em chocolate, açúcar, etc. O destaque é o painel em mosaico para o Centro

Empresarial Itaú/SP, composto a partir da transposição da fotografia de uma de suas obras. No terceiro, continuamos a acompanhar a criação do painel até a sua finalização. O artista encerra o depoimento expondo sua concepção de arte, seu modo singular de trabalhar com as imagens metalingüísticas.

O documentário traz pistas para iniciar proposições pedagógicas diversas: em *Linguagens Artísticas*, a fotografia na arte contemporânea e o interesse inicial do artista pelas artes cênicas; em *Conexões Transdisciplinares,* a fotografia e seus usos; em *Forma-Conteúdo,* a perspectiva, ilusões de profundidade, forma, superfície, temática contemporânea; em *Formação de Educadores*, a educação do olhar; em *Materialidade,* a poética e procedimentos da arte contemporânea; em *Patrimônio Cultural*, os espaços públicos e a memória coletiva; além de em *Processo de Criação*, a poética pessoal, a pesquisa em arte e a leitura de mundo.

Selecionamos como foco central desse material o território de *Saberes Estéticos e Culturais,* focalizando a arte contemporânea, a arte pública, os códigos de representação e as relações entre o artista e a sociedade.

Sobre Vik Muniz (Vicente José Muniz)

(São Paulo/SP, 1961)

> ... este artista plástico, desenhista, pintor que se utiliza da linha, ou de técnicas mistas, mas que opta pela fotografia, com tiragem limitada para cada trabalho. Está, assim, dentro de seu tempo e, simultânea e contraditoriamente, fora dele, ao fazer do estritamente artesanal, manual, seu processo de trabalho. Que por esta mesma razão, surpreende-nos e intriga-nos pelo latente paradoxo entre o processo e o instigante resultado final.
>
> Aracy Amaral[1]

Surpresa. Talvez este seja o modo como Vik Muniz convoca nosso olhar nas ilusões que cria. Nem sempre estamos atentos para ver como desenha um Rembrandt com pregos, ou florestas com linhas. Integra, em suas obras, linguagens artísticas diversas como o desenho, a pintura, a escultura e a gravura, mas é a fotografia que marca seu trabalho.

São as fotografias, geralmente apresentadas ao público como séries, que registram as imagens de aparência realista produzidas com materiais inusitados como macarrão, fios de arame, pó, chocolate, açúcar, etc. Costuma dar às séries um nome com referência ao material utilizado: *Imagens de Arame, de Terra, de Chocolate, Crianças de Açúcar*, etc.

Suas imagens são pacientemente compostas pelo desenho, pintura ou escultura com esses materiais perecíveis sobre uma superfície. Após serem fotografadas, são destruídas. As edições limitadas dessas fotografias são expostas como produto final.

Nascido na cidade de São Paulo, cursa Publicidade, mas seu interesse inicial na área das artes o dirige para o teatro. Em 1983, muda-se para Nova York. Em entrevista a Charles Stainbak[2], o artista comenta o momento em que percebeu o potencial que a imagem fotográfica poderia ter em seu trabalho:

> Após desistir da carreira em publicidade decidi parar de produzir imagens e me concentrar em fazer coisas reais. Tornei-me um escultor para trabalhar com o aspecto mais material das coisas. Estes objetos conseguiram algum sucesso e uma galeria os expôs em Nova York. A galeria também documentou o trabalho com slides e reproduções preto e branco. Logo que as vi, gostei tanto destas fotos que não me importaria se os próprios objetos fossem atirados no fogo. A fotografia carregava o código da tridimensionalidade dos objetos sem a bagagem do peso e do volume. A foto também comunica informação sobre o material (uma foto de uma lixa, por exemplo, parece áspera), mas está de algum modo mais firmemente vinculada com a forma do objeto retratado. Por fim, as fotografias capturaram mais de como os objetos eram quando apareceram pela primeira vez em minha cabeça, como uma idéia. Eu queria estar envolvido com o fazer até o ponto em que ele se tornasse invisível. Desta forma o processo criativo completa o seu círculo: você começa com uma idéia e termina com algo que se assemelha a uma.

Encantado e encantando pela fotografia, seu trabalho conquista respeito, sendo exposto em diversos museus, galerias e mostras internacionais. Neles, inserido na estética contemporânea, recria imagens do mundo das artes, dos meios de comunicação e do cotidiano, investigando temas relativos à memória, à percepção e à representação de imagens. Ele declara no início do documentário, “as imagens estão dentro de imagens que estão dentro de memórias”. E explica:

> Quero criar a pior ilusão possível que ainda possa enganar os olhos da média das pessoas. Algo tão rudimentar e simples que o observador pense: "Não acredito no que estou vendo, não posso estar vendo isto, minha mente é sofisticada demais para se deixar enganar por algo tão simples assim". Ilusões tão pobres quanto as minhas tornam as pessoas conscientes das falácias das informações visuais e dos prazeres derivados de tais falácias. Estas ilusões são feitas para revelar a arquitetura da nossa concepção de verdade. Elas são meta-ilusões. [3]

Ilusões fotográficas, como as *Earth work*, nas quais não se pode descobrir se a foto foi tirada de um helicóptero ou a imagem é de uma miniatura. Ilusões que capturam o nosso olhar e, no desejo confesso do artista, podem trazer mais pessoas para dentro do museu.

Os olhos da arte

> Quando uma imagem tem a capacidade de não apenas te fornecer o conteúdo dela própria, mas também de te fazer indagar sobre a origem, sobre a essência do que ela está fazendo contigo, então você tem um objeto que funciona como arte. Quando das minhas imagens, eu procuro engrossar as imagens, fazer delas o mais complicado possível para que as pessoas que estão olhando se perderem na trama de possíveis representações, no significados daquela imagem.
>
> Vik Muniz

No início da primeira parte do documentário, ao assistir Vik Muniz desenhando um rosto num prato, com macarrão e molho, talvez você tenha tido a impressão de já ter visto este rosto em algum lugar. Essa impressão é justificada. Para essa obra, o artista apropriou-se de uma conhecida representação da cabeça da medusa: a imagem original, intitulada *Medusa*, foi criada pelo pintor Caravaggio[4] em 1598. A Medusa é uma personagem da mitologia grega dotada de cabelos de cobra capazes de transformar em pedra quem a fitasse. Na obra de Caravaggio vemos o rosto dela em seus últimos momentos: sua face é refletida no escudo de Perseu, herói grego que a decapitou sem olhar para ela, olhando apenas para sua imagem refletida no escudo.

Com essas referências, fica mais fácil entender o que o artista quer dizer quando fala em seus depoimentos no documentário de "engrossar a imagem", de criar condições para que o espectador possa "se perder na trama de possíveis significados e

Vik Muniz - *Valentina, a mais veloz, 1996*

interpretações daquela imagem".

Como obra aberta, a linguagem da arte permite múltiplas interpretações, pois, como nos diz Manguel[5]:

> A imagem de uma obra de arte existe em algum local entre percepções: entre aquela que o pintor imaginou e aquela que o pintor pôs na tela; entre aquela que podemos nomear e aquela que os contemporâneos do pintor podiam nomear; entre aquilo que lembramos e aquilo que aprendemos; entre o vocabulário comum, adquirido, de um mundo social, e um vocabulário mais profundo, de símbolos ancestrais e secretos.

Consciente das percepções diversas dos leitores de sua obra, Vik Muniz considera que a sobreposição de camadas de representação provoca uma observação mais lenta. "Quando ele/ela (o observador) gasta seu tempo para examinar uma peça, ocorre uma permanência maior do trabalho na mente e nas emoções do indivíduo."[6] É isto que ele deseja, querendo ir de encontro ao público, surpreendendo no meio da vida cotidiana, como no projeto das nuvens, ou trazendo o público para dentro do museu. Se as imagens estão cheias de memória, as imagens de Vik Muniz nos colocam em confronto com elas, já que se apropria das obras-ícone da história da arte e de objetos simples da estética do cotidiano. Mas, como diz no documentário:

> Nada é acidental. Não existe nenhuma diferença entre o representacional e o abstrato. Você está cansado de ver representações em formas abstratas e abstrações em coisas que são extremamente representacionais. É só uma questão de você controlar a maneira como está olhando aquilo. Desta maneira, o espectador tem poder sobre estas coisas.

O artista Wassily Kandinsky[7], considerado o primeiro a criar uma obra de arte abstrata, fala da possibilidade de convivência entre estas polaridades no trabalho de um artista: "... há lugar, num qua-

dro, para a combinação dos elementos realistas e abstratos. Estas possibilidades de combinação são grandes e múltiplas. Em todos os casos, a obra pode viver com intensidade impondo-lhe o artista livremente a sua forma". Elementos realistas ou abstratos são códigos da linguagem da arte, signos que nos impelem para a atribuição de significados, como camadas de sentido, oferecendo não apenas o conteúdo da própria imagem, mas indagando sobre essências que estão também nos olhos do leitor.

Vik Muniz - *Action photo, a partir de Hans Namuth, 1997*

O trabalho de criação e pesquisa em arte desenvolvido por Vik Muniz remete, assim, às questões associadas à percepção e nos propõe uma discussão metalingüística (sub-título em um dos segmentos do documentário): sua obra discute a própria linguagem da arte ao tornar aparente os códigos de representação inseridos na imagem fotográfica.

Essa marca de sua poética está presente na página de abertura de seu site na Internet. Distanciamos-nos dos pequenos fragmentos de papel de revista que compõem seu auto-retrato, em cinco níveis: a primeira imagem foca seu olho refletindo um rosto, as seguintes vão se afastando até podermos ver o retrato do artista por inteiro. A seqüência reporta tanto à questão dos limites entre figuração/abstração quanto ao "engrossar a imagem": reúne referências ao artista, seu olhar, o tipo de material que utiliza e seus procedimentos de criação.

Apropriação de imagens, memória, repertórios revividos. A estética contemporânea contracena com as ilusões fotográficas de Vik Muniz, surpreendendo-nos pela invenção e pelos

procedimentos técnicos, convocando-nos a percorrer os labirintos das tramas de possíveis significações.

O passeio dos olhos do professor

Convidamos você a ler esse documentário mais de uma vez antes de planejar sua utilização. A proposta é iniciar um diário de bordo, um instrumento de registro dos rumos trilhados por seu pensar pedagógico, a ser retomado e desenvolvido durante todo o processo de trabalho junto aos alunos. Recomendamos, a partir da exibição, anotar suas impressões utilizando os meios com que tiver mais afinidade: escrita, desenho, colagem, etc. A pauta do olhar que sugerimos a seguir pode ajudá-lo neste registro inicial. Fica a seu critério consultá-la antes, ou seja, da primeira vez ou não.

- Que aspectos do trabalho de Vik Muniz atraem mais sua atenção?
- Quais perguntas o documentário lhe faz?
- A questão da fotografia como uma linguagem que recria a realidade é colocada de modo claro pelo artista?
- Você já trabalhou antes com seus alunos os limites dos aspectos artísticos/documentais do uso da fotografia? E a fotografia como linguagem artística?
- Você reconheceu obras de outros artistas? Percebeu como Vik Muniz as reproduziu?
- O documentário amplia seu conhecimento e percepção dos processos de criação em arte contemporânea?
- O que o documentário poderia despertar nos alunos? O que você imagina que os alunos gostariam de ver nele? O que causaria atração ou estranhamento?
- Qual o foco que você daria ao trabalho em sala de aula a partir deste documentário?
- Como imagina aproveitar na sala de aula a divisão do documentário em três segmentos?

Ao rever as anotações, o seu modo singular de percepção e análise se revela. A partir destes registros e da escolha do possível foco de trabalho, quais questões você incluiria numa pauta do olhar para o passeio dos olhos dos seus alunos por esse documentário?

A pauta não precisa ser trabalhada com os alunos como um questionamento verbal: o contato deles com suas questões pode se dar pela realização das diversas proposições para aprender-ensinar arte que você formular partindo deste direcionamento e suas respostas também podem ser não verbais, expressas pelo desenvolvimento do seu processo de trabalho.

Percursos com desafios estéticos

Conforme destacamos no mapa, consideramos o território **Saberes Estéticos e Culturais** um enfoque relevante no documentário a ser retomado em suas proposições pedagógicas. A seguir, apresentamos alguns possíveis percursos de trabalho que percebemos, potencialmente impulsionadores de projetos para o aprender-ensinar arte.

Os caminhos sugeridos não precisam ser seguidos linearmente, você está convidado a traçar a sua própria rota: escolha por onde começar, onde passear, em que partes permanecer mais tempo, o que descartar.

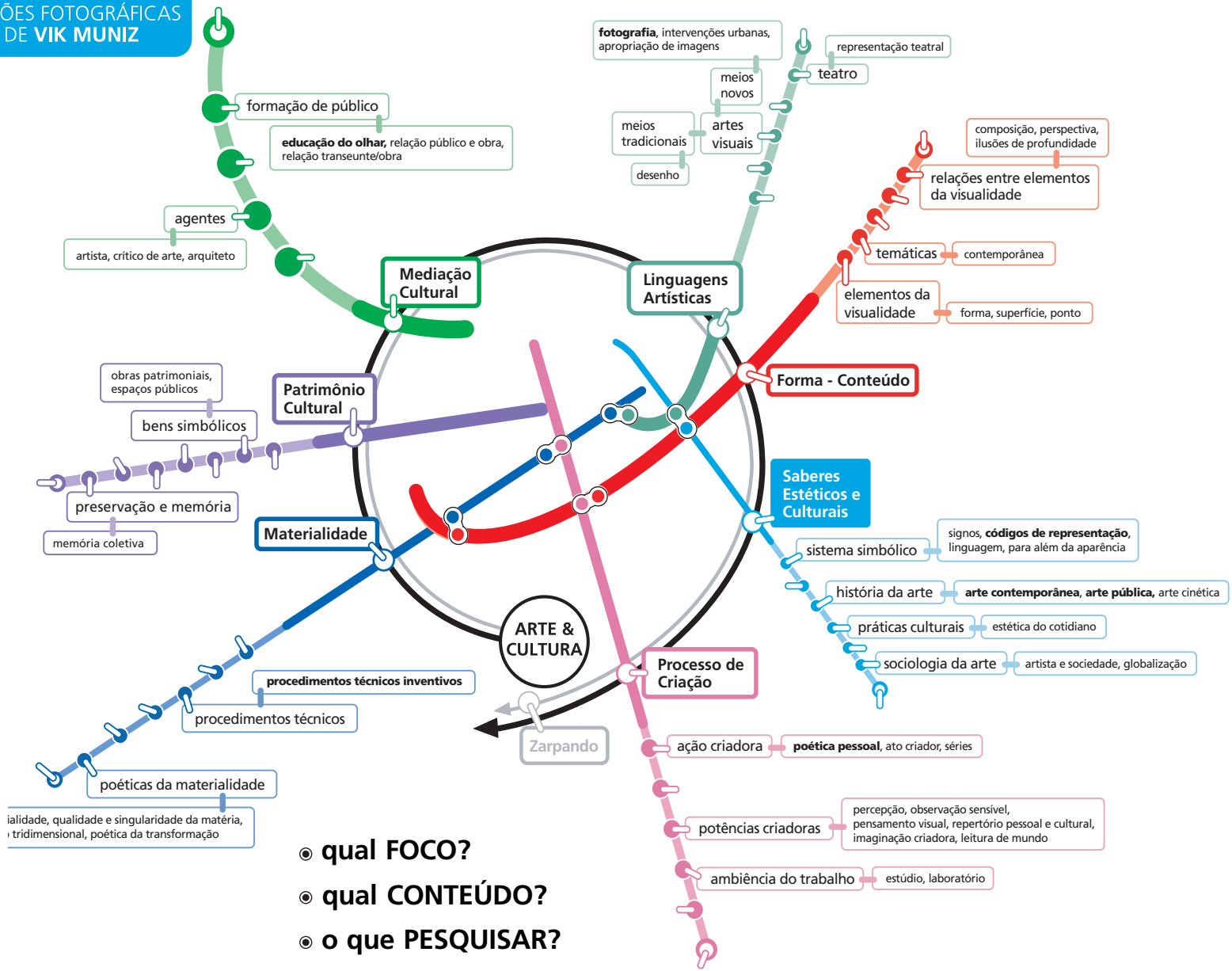
O passeio dos olhos dos alunos

Estes caminhos têm a intenção de sugerir modos de convocar os alunos para assistirem ao documentário despertos para a reflexão sobre o aprendizado e a pesquisa em arte, e, animados pelas ações expressivas a conversar e socializar sua apreciação.

- Lentes e microscópios podem ampliar a capacidade da nossa visão e preparar para ver o documentário. Antes de exibi-lo, peça para que os alunos observem, através deste tipo de equipamento, diversos materiais, seres e objetos presentes em nosso cotidiano. Por exemplo, uma folha, um pedaço de algodão, um fragmento de tecido, um inseto, uma

Mapa potencial

ILUSÕES FOTOGRÁFICAS DE **VIK MUNIZ**



- **qual FOCO?**
- **qual CONTEÚDO?**
- **o que PESQUISAR?**

gota de sangue, um pedaço de cortiça, etc. Pode-se observar também uma imagem na tela da tv ou uma imagem impressa, usando uma lupa. Os alunos podem fazer desenhos rápidos anotando o que observaram. A ampliação gera novos padrões formais, distintos dos que nos acostumamos a associar com o que observamos antes desta experiência. Essas questões podem ser revistas depois da exibição do primeiro bloco do documentário, quando Vik Muniz comenta sobre os limites entre abstração e representação, sobre como a nossa percepção das coisas muda ao nos aproximarmos ou distanciarmos delas. O contato com suas idéias provocará curiosidade para ver o restante do documentário e conhecer mais o trabalho desse artista?

- Seus alunos sabem o que é escala? Como é possível ampliar desenhos?

  A partir dessas questões, peça para que ampliem um desenho qualquer, de preferência que tenham feito anteriormente, numa dimensão três vezes maior. Depois, exiba os momentos do documentário que tratam da ampliação da imagem de Vik Muniz para compor o painel em mosaico no Centro Empresarial Itaú/SP, no segundo e terceiro blocos do documentário. Volte depois às ampliações para que os alunos percebam quais os desafios enfrentados pelos executores do imenso painel.

- A fotografia é uma linguagem, mas muitos a vêem apenas como o retrato da realidade, como se ela não fosse uma criação, como se ela não revelasse um olhar singular, histórico e cultural do sujeito atrás da máquina. Problematizá-la, pedindo para que os alunos tragam fotos feitas por eles, pode revelar as composições comuns entre os jovens, que podem ser lidas dentro de uma perspectiva cultural.

  Um fragmento do documentário, selecionado para evidenciar o modo como Vik Muniz utiliza a linguagem da fotografia, pode se tornar o estopim para um projeto maior para aprender arte e seus sistemas de representação.

Desvelando a poética pessoal

O desafio aqui é motivar os alunos a criar séries de trabalhos onde desenvolvam uma atitude de pesquisa sobre seu modo próprio de expressão na linguagem visual e adquiram consciência sobre o caráter poético desta criação. Para isso, é interessante que os alunos possam escolher os próprios desafios a serem desenvolvidos individual ou coletivamente:

- Como Vik Muniz, os alunos podem desenhar com outros materiais e fotografar os resultados, partindo de obras de arte que lhes sejam significativas, ou mesmo de imagens retiradas da mídia. O interessante é que possam produzir uma série, percebendo os próprios processos de criação, os desafios técnicos e as potencialidades dessa produção.

  O importante é que não se preocupem apenas com a técnica, mas no que estão dizendo com essas imagens selecionadas.

- A escolha de imagens que tenham um sentido especial para os alunos (podem ser fotográficas ou não) leva à seleção de materiais inusitados que poderiam ser utilizados para compor mosaicos efêmeros, que serão desfeitos após serem concluídos e fotografados. Esses materiais deveriam estar conectados, de algum modo, às imagens escolhidas, que devem ser ampliadas até o maior tamanho que o espaço onde trabalham possibilitar. A ampliação pode ser feita usando um quadriculado como referência, ou com o auxílio de um retro-projetor, iniciando depois a montagem do mosaico para a posterior fotografia. Com o mesmo material, cada aluno deve recriar outras composições, novamente fotografadas.

  O acompanhamento dos processos dos alunos, nutrindo-os com imagens e idéias até a finalização e apresentação para a classe, é importante para que os alunos possam também perceber as próprias escolhas e comparar as significações pessoais com as atribuídas pelos demais alunos.

Ampliando o olhar

- Uma pesquisa sobre a história do mosaico e os diferentes procedimentos pode levar os alunos a perceberem que os mosaicos podem ser realizados com pedras, pastilhas ou pequenas peças de cerâmica. Há mosaicos feitos com outros materiais como sucata, por exemplo. De um modo menos convencional, podemos considerar o mosaico como uma composição feita com elementos menores, como flores ou serragem, como as utilizadas nas ruas de diversas cidades brasileiras para decorar o caminho das procissões religiosas. Se houver suporte para isso, os alunos podem experimentar também imagens feitas com diferentes tamanhos de pixels em programas de computador.
- A criação de mosaicos, em um muro da escola ou de um local disponibilizado pela comunidade, pode ser iniciada a partir das pesquisas e produções dos alunos. A visita a artesões que fazem mosaicos pode ajudar na compreensão de todo o processo. Materiais de baixo custo, como cacos de azulejo ou cerâmica, podem ser utilizados com bons resultados, mas para isso, a informação sobre os procedimentos adequados para fixar o material é fundamental. Por exemplo, é importante saber que fazer furos e ranhuras no muro com um formão facilitará a fixação dos pedaços de cerâmica ou azulejo no muro. O patrocínio de empresas de sua cidade, interessadas em ver muros com algo além de pichações, pode ser uma forma de conseguir o material necessário. No bairro da Vila Madalena, em São Paulo, uma ONG[8] tem realizado um trabalho interessante nesse sentido.
- Vik Muniz comenta, no documentário, situações nas quais algumas obras de arte figurativas que vemos em museus adquirem um caráter abstrato ao se aproximar ou se afastar demais. Quando muito perto, nos perdemos nos detalhes dos elementos visuais selecionados pelos artistas, e, de longe, por vezes não chegamos a reconhecer as figuras. Se possível, pode-se planejar uma visita a uma exposição

em um museu onde possam olhar as obras de perto e de longe, como o artista sugere. Caso não haja um museu ou instituição semelhante em sua cidade, a experiência pode ser feita com qualquer quadro disponível em uma residência ou igreja, ou até mesmo com um outdoor de rua.

- Regina Silveira[9] é uma artista brasileira contemporânea que também discute em suas obras os códigos de representação que estão inseridos nas imagens com que interagimos no cotidiano. Como Vik Muniz, trata do realismo atribuído à imagem fotográfica, das referências de imagens criadas pelos artistas no decorrer da história da arte, das imagens dos objetos do dia-a-dia. A análise de obras dos dois artistas pode gerar idéias para novas produções dos alunos.

Conhecendo pela pesquisa

- Qual o funcionamento dos mecanismos da visão e da percepção visual? Como esses processos ocorrem no ser humano e em diferentes animais, como nos cães e pássaros? Essas questões podem direcionar pesquisas que podem contar com o apoio dos responsáveis pelas matérias de biologia e física.
- O estudo e pesquisa da fotografia, como linguagem, e seus principais expoentes no Brasil podem levar ao contato com diversos artistas contemporâneos como Sebastião Salgado, Geraldo de Barros e Rosângela Rennó, entre outros. Você pode consultar a cartografia da DVDteca e pesquisar outros artistas que trabalham com fotografia, preparando-se para a pesquisa dos alunos.
- Como os alunos poderiam representar a água? E os outros elementos, como a terra, o ar e o fogo? A leitura das representações criadas pelos alunos pode levantar a questão da representação e da abstração. Nem sempre a representação deve ser figurativa, como poderemos perceber nas produções dos alunos. E como os artistas representaram esses quatro elementos? Quais os signos utilizados para expressá-los?

- Aracy Amaral[10] relaciona os procedimentos de apropriação de imagens adotados por Vik Muniz ao movimento da pop art, nos anos 60 do século 20, comentando que estes artistas:

> copiaram *ad infinitum* páginas de jornais, fotografias de pessoas célebres, repintaram latas de cerveja ou representaram latas de sopa, reconstituíram anúncios e ambientes típicos da cultura visual norte-americana do tempo, com leveza e senso de humor que também se aproxima daquele implícito no fazer artístico de Vik Muniz.

  A pesquisa sobre a pop art, tendo como foco a busca de atitudes e procedimentos semelhantes em algum aspecto aos adotados por Vik Muniz, pode abordar artistas como: Jasper Johns, Andy Warhol e Robert Rauschenberg; e os brasileiros Claudio Tozzi, Wesley Duke Lee[11] e Rubens Gerchman.

- Vik Muniz criou obras que interagem com o espaço público de modo efêmero ou permanente, como suas nuvens sobre os céus de Nova York, que o artista pretende que atinjam de surpresa um público desavisado, e o painel em mosaico para o Centro Empresarial Itaú, instalado num local por onde passam cerca de mil pessoas diariamente.

  Existem obras no espaço público de sua cidade? Como interagem com as pessoas? Como as pessoas interagem com elas?

- Interessado em imagens em movimento, Vik Muniz conta no documentário sobre seu interesse pela arte cinética. O que os alunos podem descobrir sobre isso? Na cartografia da DVDteca, você encontrará mais dados para apoiar a pesquisa de seus alunos.

Amarrações de sentidos: portfólio

O portfólio pode ser um apoio para que o aluno perceba o sentido do que estudou, reveja os conteúdos trabalhados e reflita sobre seu processo de aprendizagem. O ideal é que os alunos sejam esclarecidos sobre este instrumento de avaliação desde o início do curso, organizando-o paralelamente à realização dos percursos educativos propostos. Dessa forma ele poderá ser percebido como uma amarração dos conteúdos estudados, afastando o risco de virar apenas mais uma atividade.

Como Vik Muniz fotografa, os alunos podem criar seus portfólios como álbuns de fotografia, colocando nele as produções, as pesquisas e sua avaliação final sobre todo o projeto realizado.

Valorizando a processualidade

Na apresentação e discussão do portfólio, destacamos as questões:

- Onde houve transformações?
- O que os alunos percebem que aprenderam?

Como estes indícios podem não ser aparentes, cabe a você retomar nos portfólios o percurso de cada aluno e da classe. Concluindo essa etapa de sua viagem e iniciando o planejamento de novas explorações com seus alunos, você poderá voltar ao seu diário de bordo e refletir sobre algumas questões, além de outras possíveis:

- Como professor-propositor, o que você percebe que aprendeu com esse projeto?
- Descobriu novos caminhos para sua ação pedagógica nessa experiência?
- Seu diário de bordo aponta para rumos inexplorados?
- O projeto germinou novas idéias em você?

A DVDteca Arte na Escola oferece mais materiais para você continuar cruzando novos territórios ou aprofundando aspectos levantados no território de **Saberes Estéticos e Culturais**.

Glossário

Arte pública – termo que se refere às obras expostas em espaços públicos abertos ou fechados, que buscam integrar o público à obra de arte. "A idéia geral é de que se trata de arte fisicamente acessível, que modifica a paisagem circundante, de modo permanente ou temporário. O termo entra para o vocabulário da crítica de arte nos anos 70, acompanhando de perto as políticas de financiamento criadas para a arte em espaços públicos". Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais <www.itaucultural.org.br>. "(...) não é aquela exclusivamente decorativa mas a que se mostra como um enigma, uma provocação ou, ela mesma, uma reflexão sobre a vida em geral ou sobre a vida na cidade em particular". Fonte: COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras: Fapesp, 1999, p.49.

Estética contemporânea – "A estética contemporânea é operante, possui um faro especulativo, buscando descrições estruturais da obra. A arte contemporânea é cada vez mais a reflexão de seu próprio fazer, exprimindo, de maneira mais evidente, o seu projeto formativo e poético. O que distingue completamente a estética contemporânea das tradicionais é justamente a nossa consciência da história: imagem do tempo finito e irreversível que o tempo da história teima em demonstrar". Fonte: DERDYK, Edith. *O desenho da figura humana*. São Paulo: Scipione, 1989, p.62.

Representação – "Um conceito importante para o pensamento e a arte. O conceito de representação, utilizado pela filosofia nos ramos da teoria do conhecimento e da estética, provém da escolástica. Inicialmente, deriva de uma relação que seria estreita entre a semelhança de um objeto e o conhecimento que dele se tenha. Tal é a definição dada por São Tomás de Aquino no século XIII. Guilherme de Ockham, por sua vez, distinguiu três sentidos para a representação: um meio ou veículo pelo qual apreendemos algo, sendo, portanto, o conhecimento ou a *idéia* uma representação; pode ser a *imagem* de algo já conhecido e, daí, uma forma de *memória*; por fim, a representação aparece também como estímulo ou *causa* de um conhecimento. Para o que aqui nos interessa mais de perto, todo processo, obra ou ação artística requer uma representação, seja por necessidade de se exteriorizar, de se fazer ver seja pela de ser percebido. (...) Inicialmente, o ato de representar (ou re-apresentar) consiste na substituição de um fenômeno primário (físico ou mental), tido como verdadeiro ou existente na realidade, por um outro, criado e constituído por meio de signos (palavras, imagens, gestos, traços, cores, efeitos ópticos) e portadores de um *significado* ao mesmo tempo subjetivo e histórico. Ou seja, entre o *ser*, a realidade (ou aquilo que se representa) e o *representado* (obra, objeto criado, imagem) permeia uma certa experiência, um determinado conhecimento, uma intuição, uma técnica mais ou menos elaborada". Fonte: <www.videotexto.info/representacao_imagem_simulacro_1.html>.

Fotografia – "O advento da fotografia na primeira metade do século XIX revolucionou não apenas a possibilidade técnica de registrar ou de documentar visual e objetivamente a realidade, afirmando-se como testemunho histórico, social, político e dos fatos prosaicos e cotidianos. Incentivou também o memorialismo privado ou familiar (a voga dos retratos e das recordações, que se tornou um rito social) e ainda influenciou, poderosa e definitivamente, o desenvolvimento do jornalismo, da publicidade, das ciências aplicadas (do infinitamente pequeno ao infinitamente grande) e das artes plásticas tradicionais. Sob esse último aspecto, a fotografia causou uma verdadeira 'crise de representação' no âmbito da pintura, pois muitos artistas plásticos sentiram-se incapazes de concorrer com a exatidão ou a verossimilhança fotográfica, encaminhando-se então para pesquisas ou experimentos formalistas que viriam desembocar nas correntes modernistas da pintura e da escultura. (...) ao

longo da história, a fotografia tem sido considerada: a) um espelho, mimese ou ícone da realidade, isto é, uma reprodução exata do que é objetivo. (...) b) uma modificação intrínseca do real, sob o argumento de que ela seria, na verdade, uma impressão, forma de análise ou interpretação. (...) c) um traço do real, ou seja, um índice ou representação singular que se faz por contigüidade física com o real (nem reprodução, nem transformação, inteiramente). Fonte: CUNHA, Newton. *Dicionário Sesc:* a língua da cultura. São Paulo: Perspectiva : Sesc São Paulo, 2003, p.290-292.

Metalinguagem - "De um modo mais restrito, é a linguagem já conhecida e da qual nos servimos para analisar um fenômeno igualmente considerado como linguagem (...) Por extensão, é toda e qualquer expressão que se volta para si mesma, utilizando seus próprios componentes intrínsecos ou estruturais como veículos de criação, de uso ou de experimentação". Fonte: CUNHA, Newton. *Dicionário Sesc:* a língua da cultura. São Paulo: Perspectiva : Sesc São Paulo, 2003, p.408.

Bibliografia

AMARAL, Aracy. Vik Muniz: o ilusionismo além da aparência especular. In: MUNIZ, Vik. *Ver para crer.* São Paulo: MAM, 2001. p. 20-24.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico.* Campinas: Papirus, 1994.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta:* ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Alienígenas na sala de aula*: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995, p.106-129.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular:* introdução à fotografia. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONFORTE, Luiz Guimarães. *Fotografia pensante*. São Paulo: Senac, 1997.

SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

Seleção de endereços de artistas e sobre arte na rede Internet

Os sites abaixo foram acessados em 12 ago. 2005.

ARTE CONTEMPORÂNEA. Disponível em: <www.canalcontemporaneo.art.br/>.

ARTE PÚBLICA. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/956,1.shl>.

CARAVAGGIO. Disponível em: <www.ibiblio.org/wm/paint/auth/caravaggio/>.

FOTOGRAFIA. Disponível em: <www.cotianet.com.br/photo/>.

___. Disponível em: <www.clicio.com.br/>.

MUNIZ, Vik. Disponível em: <www.vikmuniz.net>.

___<www1.uol.com.br/bienal/24bienal/bra/ebraentmuni01.htm >

___<www.arcoweb.com.br/empresas/vidrotil/boletim6.asp>

MOSAICOS. Disponível em: <www.mosaicosdobrasil.tripod.com/index.html>

___<www.casaecia.arq.br/MOSAICOS.HTM>

RENNÓ, Rosângela. Disponível em: <www.comartevirtual.com.br/jl_sinopse_02.htm>.

SILVEIRA, Regina. Disponível em: <www2.uol.com.br/reginasilveira>.

Notas

[1] Aracy AMARAL, Vik Muniz: o ilusionismo além da aparência especular. In: MUNIZ, Vik. *Ver para crer,* p. 20-24.

[2] Entrevista do artista disponível em: < www.vikmuniz.net>.

[3] Idem.

[4] Michelangelo Merisi da Caravaggin (1573-1610) pintou *Medusa* em 1598. Esse óleo sobre tela tem o diâmetro de 55 cm e atualmente pertence à coleção da Galleria degli Uffizi (Florença, Itália). Veja a imagem no site que consta da seleção recomendada.

[5] Alberto MANGUEL, *Lendo imagens*, p.29.

[6] Aracy AMARAL, Vik Muniz: o ilusionismo além da aparência especular. In: MUNIZ, Vik. *Ver para crer,* p. 20-24.

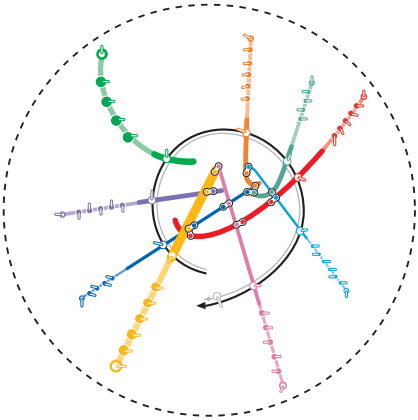
[7] KANDINSKY, Wassily. Sobre a questão da forma (1913). In: ___.*Do espiritual na arte e na pintura em particular.* São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 159.

[8] Saiba mais sobre o projeto Aprendiz no site <www.r2digital.com.br/serievideotecamain.asp?serie=7%20-%20ONG>.

[9] Há um documentário sobre Regina Silveira na DVDteca Arte na Escola.

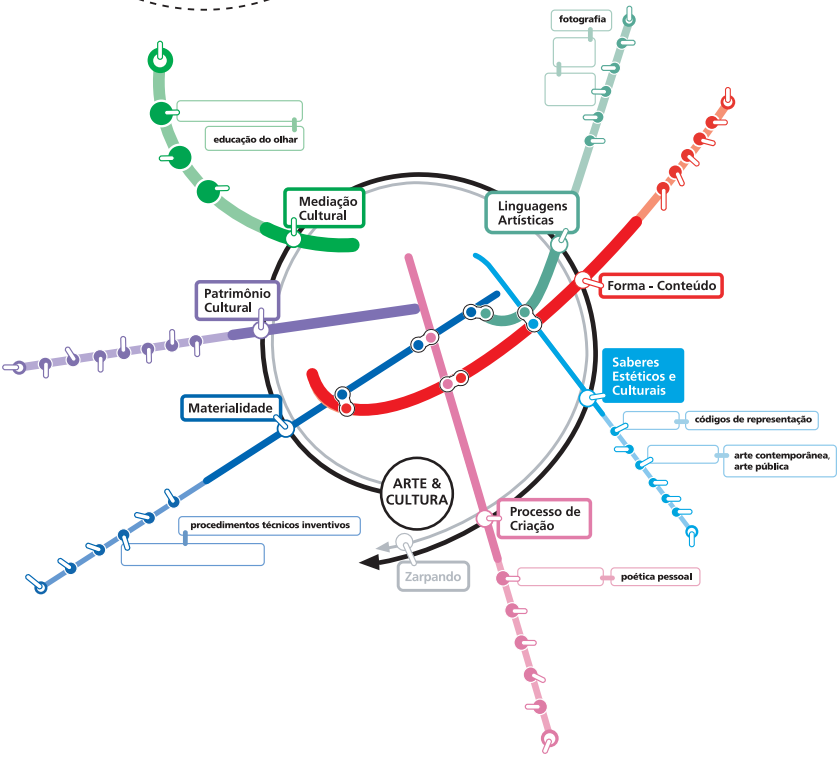
[10] Aracy AMARAL, Vik Muniz: o ilusionismo além da aparência especular. In: MUNIZ, Vik. *Ver para crer,* p. 20-24.

[11] Você pode encontrar um documentário sobre esse artista na DVDteca Arte na Escola. Veja também na cartografia outras conexões possíveis.



Mapa potencial

ILUSÕES FOTOGRÁFICAS DE **VIK MUNIZ**



Patrocínio

BNDES
O BANCO DO DESENVOLVIMENTO DE TODOS OS BRASILEIROS

FUNDAÇÃO IOCHPE

Organização

Arte na Escola

www.artenaescola.org.br